

Ocaso

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

*Levante-se, vá ao banheiro e faça xixi.
Escove os dentes.
Encha a xícara de leite e ponha no micro-ondas por um minuto.
Retire com cuidado – Está quente! Queima!
Misture café solúvel e adoçante.
Tome com a pílula azul...*

A casa parece o pátio de um santuário xintoísta, tantos são os papezinhos colados com fita transparente por toda parte, lembrando as tirinhas de papel de arroz em que os fiéis escrevem seus pedidos e preces dirigidos ao kami.

Aqui os bilhetes não conjuram a benevolência sobrenatural para obter favores. Apenas tentam garantir que a banalidade do quotidiano não estremeça, que as coisas mais simples permaneçam nos seus devidos lugares e seja possível saber para que servem, e que gestos ordinários sejam realizados na hora e na sequência corretas.

Ela já se acostumou a essa vida regrada por prescrições que nem sabe quem fez, cada momento iluminado por uma ordem fácil de cumprir, a sequência das horas do dia sempre igual, um dia depois do outro, sem surpresas ou sustos.

Mas, hoje, ela encontrou um papelzinho com uma mensagem inquietante. Ela está confusa. Lê e relê, mas não entende. No papel, com sua própria letra, está escrito: *O Sol sempre se levanta no Oeste, mas aqui parece levantar-se pelos dois lados.*

É possível vê-la com a testa franzida, os olhos convergindo sobre o nariz em direção ao papel; suas mãos tremem enquanto tenta decifrar o enigma que a devora e pensa: *“O Sol sempre se levantou a Leste. Aqui diz que se levanta a Oeste. Como pode estar tão enganada? E como entender que parece levantar-se pelos dois lados? Onde estou? Que planeta será este?”*

Ela vai à biblioteca e começa a procurar. Abre gavetas, revira o conteúdo, espalha os papéis. Na sua busca frenética, nada retorna ao próprio lugar. Começa a retirar livros das estantes, alguns só lê a lombada, outros abre e folheia com avidez faminta; de uns poucos arranca algumas páginas que vai empilhando na escrivaninha, sem ordem e sem método. Já tem mais livros nos sofás que nas prateleiras. De repente, corre até a área de serviço e começa a desmontar as pilhas de pastas, arrebenta os elásticos, examina as folhas de papel A4, algumas impressas, outras manuscritas. O caos da biblioteca e da lavanderia estendeu-se já à cozinha. Ela precisa encontrar o que dará sentido ao bilhete assustador, restabelecendo o compasso da segurança naquela casa na iminência de ruir.

Em outros tempos ela planejara escrever, sob esse título provocativo, um longo tratado poético sobre a regularidade e o inesperado, o previsível e o surpreendente, o estável e o transitório, o permanente e o efêmero.

Agora, depois de desmontar a casa inteira, ela subitamente resolve o impasse. Já não se lembra do que leu.

E recolhe o bilhetinho seguinte. ❶

QUASE LÁ

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva

Pouco tempo pela frente,
melhor encurtar
um pouco
a esperança,
esse outro nome do desejo.

Desejar menos?

Desejar melhor!

Separar
o joio das aparências
do trigo
com que se faz o pão essencial.

* * *

há ervas daninhas
e tão curta a estrada à frente
antes ver as flores